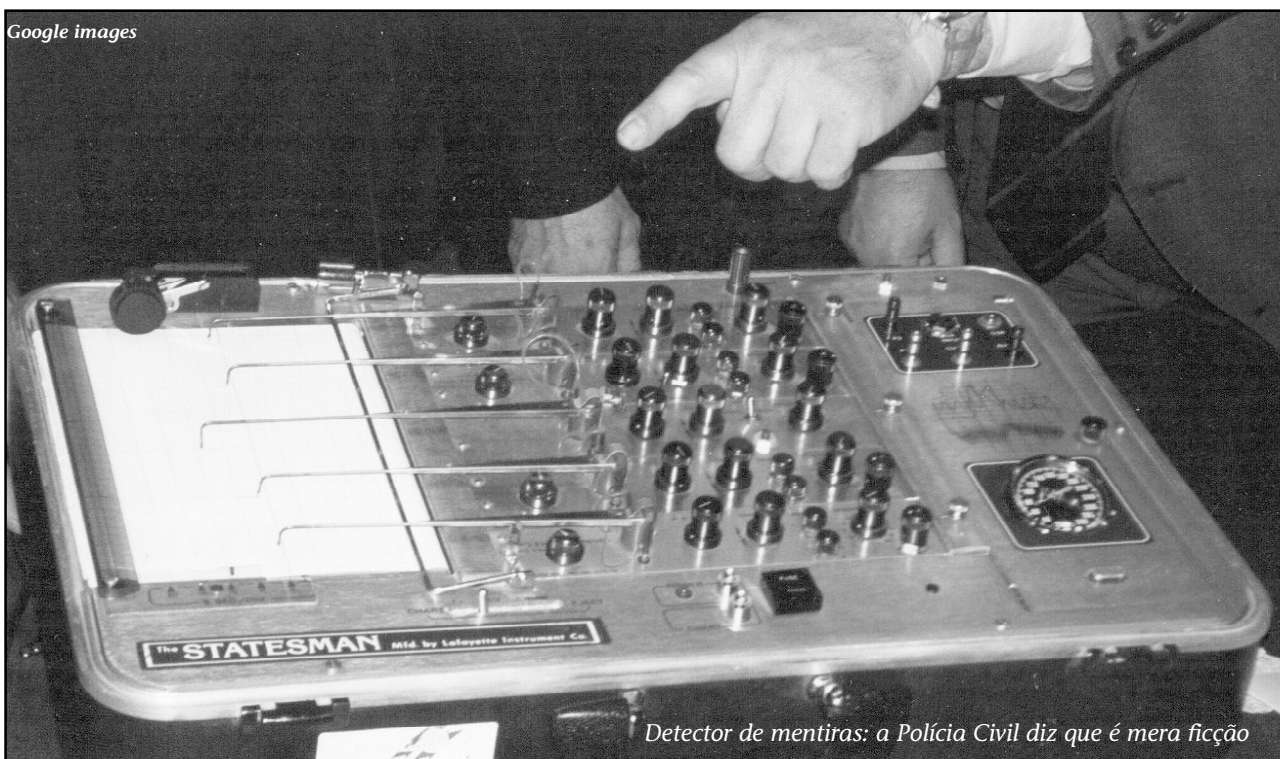


A voz como maior inimiga

Detectores de mentira servem para indicar desde quem vai ser empregado até qual a “celebridade” mais sincera

ANA CAROLINA MARQUES, CAROLINA MEDEIROS, ÉRICA BIANCO E LAÍS MAURÍLIO



Detector de mentiras: a Polícia Civil diz que é mera ficção

Há séculos a humanidade procura meios que indiquem quem é um mentiroso. Os romanos, por exemplo, estudavam as vísceras dos suspeitos. Na China, o arroz era o instrumento: o suposto mentiroso ficava com um grão na boca e quanto mais seco ele saísse, maior a probabilidade de que a pessoa estivesse mentindo. Muitos outros métodos e poções foram tenta-

dos, todos sem sucesso. Mas um aparelho, o polígrafo, é considerado até hoje um indicativo eficaz, tanto que é o único que merece o *status* de detector de mentiras

Inicialmente, o polígrafo era tão-somente um aparelho ligado por fios a uma pessoa, para medir pressão arterial, transpiração e batimentos cardíacos. A interpretação das alterações nessas variáveis indicaria se o sujeito

estaria mentindo ou não. Agora existem outros aparelhos que analisam o tom de voz e suas oscilações, rubor facial, dilatação da pupila e até as ondas cerebrais. Esses novos dispositivos não exigem que os interrogadores liguem fios e sensores na pessoa a ser interrogada.

Um dispositivo de análise de voz típico é composto por um telefone e um microfone ligados a um computador, que contém

um *software* de análise e que pode ser usado tanto presencialmente quanto por telefone. As conversas podem ter o grau de verdade confirmado ou não, em tempo real ou gravado. Os preços dos aparelhos variam de US\$ 1 mil a US\$ 20 mil, mas já há dispositivos por apenas US\$ 19.95, cerca de R\$ 45,00.

O procedimento mais comum nesses casos é perguntar ao entrevistado algo que ele não tenha razão para mentir, como o dia de seu aniversário. Depois, as perguntas vão se encaminhando para aquilo que a pessoa realmente quer saber. Micro-tremores inaudíveis “a ouvido nu” na voz na primeira e na segunda rodadas de perguntas indicariam o que é verdade ou não. Mas o programa não indica verdade ou mentira, e sim uma gradação de veracidade, como “declaração falsa”, “imprecisão”, “sujeito não tem certeza” e “verdade”.

Multinacionais usam polígrafo para contratar funcionários

O uso de detector de mentiras é mais freqüente do que se pensa na hora de uma multinacional contratar seus funcionários. A empresa aérea American Airlines já foi processada diversas vezes acusada de fazer o teste do polígrafo em seus empregados. A ex-agente de segurança da empresa, Rita de Cássia Martinhão Irigoyen, recebeu uma indenização de cerca de R\$ 190 mil, pois a justiça entendeu que ela foi “violentada em sua intimidade” por conta de ser submetida a entrevistas periódicas com o uso do detector de mentiras.

Mirian dos Santos Valino Lima também entrou com ação contra a Sata Serviços Auxiliares de Transporte Aéreo, que a indicou para atender a empresa American Airlines, onde foi submetida a interrogatório monitorado por polígrafo, para avaliar se ela estaria apta para a função. O Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região de São Paulo condenou a empresa a indenizar a empregada em R\$ 41 mil, por obrigá-la a responder perguntas sobre sua vida pessoal exposta a um detector de mentiras. De acordo com a empresa, a funcionária poderia optar por passar ou não pelo interrogatório. Em reportagem ao jornal Folha de S. Paulo, em 2002, a American Airlines admitiu “que usa o detector de mentiras por considerar necessário para manter a segurança dos passageiros”.

Assim entendeu também a 3ª Turma do Tribunal Superior do Trabalho, quando outra empregada da empresa entrou com ação pedindo indenização por danos morais. O juiz convocado, Ronald Cavalcanti Soares, entendeu que é dever da companhia aérea proteger seus passageiros e que a submissão de seus funcionários ao teste de mentira se revela medida preventiva de segurança, visando o bem-estar da comunidade, o que justificaria o procedimento.

Para o gerente geral da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Wilson Ferreira, o uso do polígrafo é desnecessário, pois a relação patrão-empregado deve ser baseada na confiança e na transparência. “Empresas de gran-



A American Airlines admite o uso de polígrafos

de porte como a CSN estabelecem junto aos seus empregados e dirigentes um código de ética, no qual são acordadas as condutas que as pessoas devem ter para o bom desempenho, baseadas em transparência, verdade, justiça e cooperação. Os candidatos a um emprego na CSN tomam conhecimento desta conduta, e a prática de utilização de detectores de mentiras em entrevistas de admissão preconizam a desconfiança da empresa no potencial do candidato, suas virtudes e sua capacidade de realização, que poderão ser comprovadas ou não com o seu desempenho ao desenvolver suas atividades após sua contratação”, afirma Wilson.

Estudantes de diversos cursos, que enfrentam uma bateria de exames para conseguir um estágio ou um emprego em diferentes empresas divergem sobre o assunto. Marina Nishitani, aluna de Comunicação Social da PUC-Rio e Thiago Souza, de 23 anos, aluno de Engenharia de Telecomunicações do Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel), em Minas Gerais, desconfiam da pre-



Leonardo concorda com o uso do polígrafo em seleções de empresas

cisão do método empregado pelas multinacionais. “Acho que não há necessidade das empresas usarem detector de mentiras. Isso faz uma pressão muito forte na pessoa que está sendo entrevistada”, diz Marina

O aluno de engenharia concorda: “Pelo que eu sei, o detector de mentiras trabalha em função das alterações na voz e algumas alterações no corpo humano, como batimentos cardíacos. Eu não aprovaria o uso desse método nas entrevistas de seleção de candidatos, pois nessas situações é normal o candidato apresentar nervosismo, ansiedade, insegurança e isto influenciaria muito no resultado do teste. Eu acredito que a equipe de Recursos Humanos tenha métodos e ferramentas suficientes para traçar o perfil do candidato sem ter a necessidade de um detector de mentiras”.

Entretanto, para Leonardo Guedes de Sousa, de 23 anos, estudante de Engenharia Mecânica na PUC-Rio, o uso do polígrafo é

válido, pois a empresa está defendendo os seus interesses. “Acho que se o candidato tiver algo a esconder, ele vai ficar nervoso. Aí está a validade do exame. Se ele não tem nada a esconder, teoricamente não deveria ficar preocupado. Mas também penso que a pessoa deveria ser informada que vai passar pelo teste e assim poder escolher se quer fazer ou não a avaliação”.

Melhor que detectar mentiras é definir o que é a verdade

Alguns profissionais também afirmam que a eficácia dos detectores de mentira é discutível. Para a psicóloga e professora do Departamento de Comunicação Madalena Sapucaia, antes de utilizar o detector de mentira para avaliar se uma pessoa está falando a verdade ou não é preciso saber o que é verdade. “Os conceitos de mentira e verdade precisam ser definidos para se pensar em qualquer detector de mentiras. Existiria um detector de verdades?”, pergunta.

De acordo com Madalena, os sinais dados pelo corpo, como suor excessivo, tremor, gagueira e gestos, podem enganar qualquer pessoa. Essas variações só querem dizer alguma coisa se os envolvidos têm algum grau de intimidade. E acrescenta: “acho até perigoso usar métodos de medir batimentos cardíacos, alteração da pressão ocular, ou outras medições do sistema bioquímico para construir verdades do campo da comunicação, ou pior, numa investigação policial”.



Madalena se pergunta: “existe um detector de verdades?”

Para Madalena, ao contrário das desconfianças que todo mundo tem de que alguém pode controlar as emoções e burlar o sistema, o único controle é dizer a verdade. Ou estar morto. “Acho muito fácil se contar mentiras sem levantar suspeitas, talvez porque sempre contamos mentiras, pois o real é inapreensível e tudo que contamos é apenas uma verdade parcial, ou mesmo uma mentira parcial. Todos temos que lidar com isso em nossas angustiantes existências”, afirma.

A dor como detector de mentira

Além da intimidação psicológica que um aparelho como o polígrafo pode causar, há casos em que outros métodos são utilizados para se obter a verdade. Em casos em que a tortura é usada contra pessoas para se conseguir informações que o torturador quer ouvir, pessoas se tornam carrascos e podem assumir a

função de detectores de mentiras. Nesse caso, não há controvérsia: além das implicações éticas, a tortura não pode ser considerada um método legítimo e eficaz de se descobrir a verdade.

O período da história brasileira mais lembrado quando se fala em tortura é a Ditadura Militar. Nessa época, qualquer pessoa que se posicionasse contra o regime e a favor da democracia poderia ser preso, torturado e até morto. Até hoje, 20 anos depois do fim da ditadura, parentes ainda procuram pessoas que foram presas e não tiveram seus corpos encontrados: são os “desaparecidos políticos”.

Ex-presos políticos e familiares de pessoas mortas ou desaparecidas durante a ditadura militar fundaram, em 1985, o Grupo Tortura Nunca Mais (GTNM), que tem sedes espalhadas por diversos estados brasileiros. A entidade busca esclarecer circunstâncias ligadas às torturas realizadas no período ditatorial e garantir, na atualidade, a manutenção dos direitos humanos. Entre suas ações estão campanhas de conscientização, denúncias de antigos e novos casos de tortura e a luta contra a impunidade.

Cecília Coimbra, uma das fundadoras do “Tortura” e sua atual vice-presidente, foi presa e torturada no DOI-CODI do Rio de Janeiro durante o governo Médici; período máximo da repressão, que teve o AI-5 como sua maior arma de controle. Uma denúncia anônima fez a então militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) ser detida na Polícia do Exército

no período que se estendeu de agosto a novembro de 1970. Entre as violências sofridas por ela durante o três meses e meio em que ficou aprisionada estão a violência sexual e sessões de choque elétrico. “A tortura, mais do que uma forma de arrancar dos torturados informações, é um dispositivo de controle e subjugação social de extrema eficiência”, explica Cecília.

A dor extrema levou muitos indivíduos a confessarem o envolvimento de companheiros. Cecília, que é psicóloga, conta que estas confissões destruíram a vida de inúmeras pessoas, que carregaram por muito tempo a culpa pela delação de amigos. Segundo ela, a culpa que as pessoas carregam é tão grande que acaba esvaziando a maldade praticada pelo Estado e centrando a mesma no indivíduo que sucumbiu à tortura. “É como se esquecêssemos que o vilão é o praticante da tortura e não aquele que sofreu as consequências da dor. A culpa foi uma vilã muito forte naquela época”, lamenta.

A imagem de um carrasco sádico por natureza é combatida por Cecília Coimbra. Ela acredita que a crueldade dos torturadores faz parte de um treinamento no qual aprendem a ser frios e a tratar o torturado como um objeto. “Não existe uma índole ruim, o que existe é um treinamento, uma adequação, e isso faz nascer esse tipo de comportamento. Qualquer um de nós pode ser transformado em um torturador, basta que sejamos guiados a isso”, afirma ela.

Um dos objetivos do grupo



Tortura Nunca Mais destacados pela vice-presidente é a denúncia de abusos contra os direitos humanos na atualidade. Cecília alerta para o fato de que as maiores vítimas dessa violência são crianças e adolescentes e uma população à margem, que se cala por medo de retaliação. “Apesar de a ditadura ter chegado ao fim, antigos instrumentos de tortura, como o “pau de arara” e o choque elétrico, ainda são utilizados para a subjugação e humilhação de pessoas dentro de prisões, delegacias e casas que recebem menores infratores. Nós lutamos contra este tipo de abuso”, conclui.

Em 2005, o grupo Tortura Nunca Mais completa 20 anos e, entre os objetivos já alcançados, estão o afastamento de torturadores de cargos públicos e a cassação do registro de profissionais da saúde que colaboraram com as práticas de tortura, como médicos e médicos-legistas que emitiram laudos falsos. O grupo oferece, ainda, acompanhamento jurídico a atingidos pela violência por parte do Estado e um projeto clínico-grupal de reabilitação, com diferentes modalidades terapêuticas. Outras informações podem ser


encontradas no site do grupo no Rio – www.torturanuncamais-rj.gov.br.

Um detector de mentiras que diverte

O folclore em torno do detector de mentiras é tão grande que o dispositivo já funciona como aferidor das notícias das revistas de fofocas. No programa de auditório *Boa Noite Brasil*, da TV

Bandeirantes, o apresentador Gilberto Barros apresentava às celebridades notas de revistas, principalmente as mais picantes. Um *software* de análise de voz indicava o que é verdadeiro ou não de acordo com a resposta dos famosos.

A partir daí, as mais inesperadas saias justas podem acontecer: quando o ator Alexandre Frota esteve no programa, Gil-

berto quis confirmar a notícia de que em seu mais recente filme pornográfico Frota teria feito sexo com mais de 20 mulheres. O ator confirmou e a máquina desmentiu. Alexandre reclamou que, com isso, sua virilidade estava prejudicada. Não foi à toa que a Polícia Civil garantiu que o polígrafo é um aparelho que, atualmente, serve apenas para diversão... 

Detector de mentiras é estrela de cinema

O interesse pela mentira e principalmente pelo desmascaramento dela, sempre foi alvo de curiosidade do homem. Saber da falha do outro é uma forma de identificar também seus defeitos. Pela proximidade com a realidade, a mentira sempre foi um artifício usado no cinema. E o detector de mentira também não escapou das telas, seja como um artifício para o riso como na comédia Entrando numa fria, seja no suspense Instinto selvagem onde o aparelho é usado para desmascarar uma personagem.

Google images



Instinto selvagem – suspense/1992: no filme que consagrou Sharon Stone com sua famosa cruzada de pernas, a personagem da atriz, principal suspeita de um assassinato, é submetida ao polígrafo. Ela passa ilesa pelo aparelho, colocando em discussão sua eficácia.

Google images

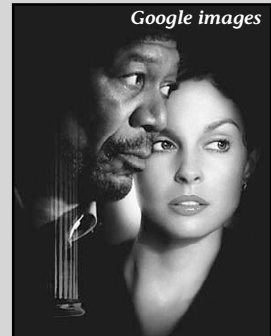


Entrando numa fria – comédia/2000: na comédia de Jay Roach, Greg, personagem de Ben Stiller, é submetido a uma série de intimidações e provas pelo pai de sua noiva. Entre esses testes, Greg tem que passar pelo detector de mentiras para provar sua identidade.



Fogo no céu – ficção científica/1993: baseado em fatos reais, o filme relata o caso de Travis Walton, um lenhador que foi abduzido por ET's. Ao retornar, o personagem passa por uma série de exames e investigações, incluindo o detector de mentiras, para provar a veracidade de sua história.

Google images



Crime em primeiro grau – drama/2002: Tom Chapman (James Caviezel), vive um casamento feliz com a promotora Claire Kubik (Ashley Judd), até que seu passado e sua identidade vêm à tona. Ele é acusado de ter participado de um massacre em El Salvador, sendo preso por esta acusação até que seu julgamento na corte militar ocorra. Mas, para provar seu amor e sua inocência, Tom vai até mesmo para o detector de mentiras.